

A ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL EM MARAPORÃ (CACHOEIRAS DE MACACU/RJ) ENTRE 1966 A 2025

Rafael Aníbio Mesquista de Souza ¹

RESUMO

Este trabalho investiga a origem e a consolidação da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã (Cachoeiras de Macacu/RJ) entre 1966 e 2025, analisando como as trocas de liderança pastoral e as mudanças estruturais moldaram sua identidade e resiliência comunitária. A pesquisa adota abordagem qualitativa, combinando análise bibliográfica, documental e entrevistas com membros antigos e descendentes dos fundadores. Os resultados mostram que a igreja surgiu do esforço missionário da Igreja Congregacional de Subaio, cujo trabalho evangelístico desde a década de 1950 estruturou a comunidade que mais tarde se tornou a igreja organizada no Sossego. As entrevistas revelam que a alternância pastoral fortaleceu a liderança leiga, aumentou a autonomia congregacional e consolidou uma cultura de cooperação. Elementos como mutirões, simplicidade do culto, reverência e preservação da memória dos pioneiros contribuíram para a continuidade da comunidade. A triangulação entre documentos, bibliografia e história oral demonstra que a identidade congregacional de Maraporã foi construída pela interação entre fé, memória e ação coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Congregacionalismo. Igreja local. Liderança leiga. Identidade comunitária.

ABSTRACT

This study investigates the origin and consolidation of the Congregational Evangelical Church of Maraporã (Cachoeiras de Macacu, RJ) between 1966 and 2025, analyzing how pastoral leadership transitions and structural changes shaped its communal identity and resilience. The research adopts a qualitative approach, combining bibliographic and documentary analysis with interviews conducted with long-standing members and descendants of the founders. The findings show that the church emerged from the missionary efforts of the Congregational Church of Subaio, whose evangelistic work since the 1950s structured the community that would later become the organized church in Sossego. The interviews reveal that pastoral turnover strengthened lay leadership, increased congregational autonomy, and fostered a culture of cooperation. Elements such as collective work efforts, simplicity of worship, reverence, and the preservation of the founders' memory contributed to the continuity of the community. The triangulation of documents, bibliography, and oral history demonstrates that the congregational identity of Maraporã was shaped by the interaction between faith, memory, and collective action.

KEYWORDS: Congregationalism; Local church; Lay leadership; Community identity.

¹ Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Maciço de Baturité - UNIMB

1 INTRODUÇÃO

A história do protestantismo no Brasil está diretamente ligada à chegada e ao desenvolvimento de diversas tradições cristãs que, ao longo dos séculos, estabeleceram comunidades de fé em diferentes regiões do país. Entre elas, o congregacionalismo se destaca por sua ênfase na autonomia das igrejas locais, na participação ativa da membresia e na centralidade das Escrituras como única regra de fé e prática (Santana Filho; Leal, 2023). Originado na Inglaterra do século XVI, em meio às tensões da Reforma Protestante, o movimento buscou uma forma de organização eclesiástica livre de estruturas hierárquicas rígidas, defendendo que cada congregação deveria se reger sob a direção exclusiva de Cristo, o único Senhor da Igreja. Ao se expandir para os Estados Unidos e, posteriormente, para o Brasil no século XIX, o congregacionalismo consolidou uma forte vocação missionária, influenciando o cenário religioso nacional (Léonard, 1963).

No estado do Rio de Janeiro, esse movimento encontrou terreno fértil para florescer. O município de Cachoeiras de Macacu abriga um caso significativo dessa expansão: a Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã, cuja trajetória se iniciou na década de 1950, com o trabalho missionário desenvolvido pela Igreja Congregacional de Subaio. A partir desse esforço evangelístico, a comunidade formada no antigo Sossego amadureceu até sua organização oficial em 25 de dezembro de 1966, sob a liderança do Rev. Waldir de Moraes Vidal, marco que consolidou a presença congregacional na região.

Este trabalho investiga a trajetória histórica dessa igreja entre 1966 e 2025, buscando compreender como as sucessivas trocas de liderança pastoral e as mudanças estruturais influenciaram sua identidade e fortaleceram sua resiliência comunitária. Argumenta-se que a alternância pastoral — longe de fragilizar a comunidade — reforçou a autogestão, ampliou o protagonismo do sacerdócio dos crentes e consolidou uma cultura de cooperação que atravessou gerações. Além disso, procura-se analisar como fatores socioculturais locais influenciaram a vida comunitária e como a memória religiosa contribuiu para a preservação da identidade congregacional ao longo do tempo.

A escolha do tema se justifica pela relevância de registrar e valorizar a história da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã, preservando a memória de seus pioneiros e reconhecendo sua importância espiritual e social em um contexto rural e historicamente pouco documentado. O estudo também reflete o compromisso do pesquisador com a tradição congregacional, partindo de sua vivência na igreja e de seu desejo de registrar a história de fé da comunidade.

Diante disso estabelece-se a seguinte questão de pesquisa: De que maneira as sucessivas trocas de liderança pastoral e as mudanças estruturais moldaram a identidade e a resiliência da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã entre 1966 e 2025?

O objetivo geral consiste em analisar como esses elementos influenciaram a identidade e a resiliência da comunidade, identificando os fatores históricos, sociais e religiosos que marcaram sua formação e continuidade. Como objetivos específicos, busca-se:

(a) contextualizar o desenvolvimento do congregacionalismo no Brasil e no estado do Rio de Janeiro; (b) levantar e examinar documentos, atas e registros da Igreja de Maraporã e de sua igreja-mãe, em Subaio; (c) coletar e analisar relatos orais de membros antigos e descendentes dos fundadores, preservando a memória comunitária; (d) compreender como os períodos de vacância pastoral e outros desafios fortaleceram a liderança leiga; e (e) avaliar o impacto social, cultural e espiritual da igreja na formação da identidade local.

Para alcançar tais objetivos, adotou-se uma abordagem qualitativa, adequada para investigar significados, percepções e processos sociais. O estudo combinou três estratégias metodológicas complementares: pesquisa bibliográfica, documental e de campo, esta última baseada na metodologia da História Oral. A pesquisa de campo incluiu duas etapas de coleta de entrevistas semiestruturadas: a primeira realizada entre abril e maio de 2024, principalmente por meio de áudios e mensagens enviadas via WhatsApp; e a segunda, realizada entre outubro e novembro de 2024, com entrevistas presenciais e conversas gravadas com membros antigos e descendentes dos fundadores. Os participantes foram selecionados com base no tempo de membresia, seu envolvimento comunitário e seu conhecimento das etapas históricas da igreja. A utilização da História Oral, como destacam Alberti (2004) e Thompson (1992), permitiu incorporar ao registro histórico a perspectiva de pessoas que vivenciaram diretamente os processos de fundação, expansão e reorganização da igreja, enriquecendo a compreensão do passado comunitário e trazendo à tona dimensões subjetivas e afetivas da experiência religiosa. O cruzamento entre as narrativas, os documentos e a bibliografia especializada possibilitaram a triangulação das fontes, aumentando a confiabilidade dos dados e favorecendo uma interpretação mais abrangente do fenômeno estudado.

Dessa forma, o presente estudo busca reconstruir a trajetória histórica da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã, destacando o papel da fé, da memória e da liderança comunitária na preservação de sua identidade ao longo de quase seis décadas, bem como contribuir para o registro da presença congregacional no interior fluminense e para a ampliação dos estudos sobre o protestantismo brasileiro em contextos rurais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente referencial teórico apresenta os fundamentos conceituais e históricos que embasam o estudo sobre a Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã, situando-a no contexto mais amplo do protestantismo brasileiro. A análise apoia-se em autores clássicos e contemporâneos que tratam da história do congregacionalismo, da Reforma Protestante e da inserção das igrejas de tradição kalleyana no Brasil. Buscando inicialmente compreender os fatores teológicos e socioculturais que influenciaram a formação e consolidação dessa comunidade de fé no interior fluminense.

A seguir, são apresentados os principais eixos teóricos que orientam esta pesquisa, iniciando pela origem e pelos princípios do congregacionalismo, passando por sua chegada ao Brasil e, posteriormente, por sua expansão no estado do Rio de Janeiro. Essa trajetória histórica permite compreender o papel do congregacionalismo como expressão de fé, organização comunitária e resistência cultural.

2.1 O CONGREGACIONALISMO: ORIGEM E PRINCÍPIOS

O congregacionalismo surgiu na Inglaterra do século XVI, em meio à Reforma Protestante, como alternativa à estrutura episcopal da Igreja Anglicana. Seu princípio fundamental é a autonomia de cada igreja local sob a direção de Cristo, rejeitando hierarquias externas. Segundo Santana Filho e Leal (2023, p. 39):

..., a partir de Eduardo VI e Elizabeth I. De um lado, a Igreja Nacional Anglicana, que não era mais do que a estrutura eclesiástica romana nacionalizada, tendo o rei como cabeça da Igreja. De outro lado, o movimento puritano, que cedo se manifestou em assumir tendências diferentes. Uma grande parte dos puritanos o era dentro da própria Igreja Nacional, desejando- a mais simples e mais pura, combatendo não só o mundanismo dos costumes vigentes na sociedade e nos meios eclesiásticos, como também o excesso de ritualismo e aparato do clero e das Igrejas.

Isso evidencia o ambiente religioso e político da época, marcado pela dualidade entre a Igreja oficial e o movimento puritano. Os autores destacam como a busca por uma igreja mais simples, centrada em Cristo e nas Escrituras, serviu de base para o surgimento do congregacionalismo, que herdou dos puritanos o ideal de pureza, liberdade e autonomia comunitária.

Segundo González (2011, p. 254), “o congregacionalismo nasceu do anseio por uma comunidade de fé livre, centrada nas Escrituras e conduzida pela participação dos fiéis”. Esse modelo se diferenciou do presbiterianismo, que manteve estruturas mais representativas, e dos batistas, cuja identidade se construiu sobretudo em torno da prática do batismo. Para Mendonça (1995, p. 41), “o congregacionalismo representou, desde o início, um equilíbrio entre liberdade individual e responsabilidade comunitária, fornecendo um espaço em que a consciência cristã pudesse florescer sem a tutela de instituições hierárquicas”.

Dessa forma, o equilíbrio entre liberdade individual e responsabilidade comunitária, aliado à autonomia de cada congregação, forjou um modelo de igreja resiliente e adaptável. Foram precisamente esses princípios que impulsionaram sua expansão para além da Europa, por meio de movimentos missionários que buscavam implantar comunidades de fé livres e centradas nas Escrituras. Esse movimento missionário, motivado pela convicção de que cada comunidade deveria ser autossustentável e bíblica em sua prática, preparou o caminho para a chegada do congregacionalismo ao Brasil no século XIX.

A eclesiologia congregacional, além de sua base histórica, possui raízes bíblicas evidentes. Textos como Atos 6:1–6, Efésios 4:11–13 e 1 Pedro 2:9 fundamentam o princípio da autonomia da igreja local e o sacerdócio universal dos crentes, em que toda a comunidade participa ativamente da missão e da edificação espiritual. Nesse sentido, o modelo congregacional reafirma que a autoridade da igreja não emana de uma hierarquia clerical, mas do próprio corpo de fiéis sob a direção de Cristo, o único Senhor da Igreja.

2.1.1 A CHEGADA DO CONGREGACIONALISMO AO BRASIL (SÉCULO XIX)

A chegada do congregacionalismo ao Brasil está diretamente ligada à missão pioneira do casal escocês Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley, que desembarcaram no Rio de Janeiro em 1855. O contexto do Segundo Reinado (1840–1889) foi marcado por um catolicismo oficial e hegemônico, mas, ao mesmo tempo, por discussões sobre liberdade de consciência e por um ambiente político permeado pelo liberalismo. Esse cenário favoreceu a recepção do protestantismo de missão, ainda que em meio a tensões com as autoridades e com a Igreja Católica.

Como observa Neill (1985, p. 327), o Brasil oferecia um campo missionário singular: um império católico, mas em transformação, onde ideias liberais e modernas criaram brechas para novas

expressões religiosas”. Nessa mesma linha interpretativa, Vieira (1980, p. 57) destaca que o protestantismo se inseriu nesse contexto de mudança “em meio à chamada ‘questão religiosa’, marcada por tensões entre o Império e a Igreja Católica”, o que abriu espaço para o fortalecimento da liberdade de consciência e o florescimento de novas formas de fé.

De acordo com Lima (2010, p. 43-44), missionários estrangeiros vieram ao Brasil, porém não permaneceram nem se dedicaram à evangelização dos falantes de língua portuguesa, sendo Kalley o pioneiro nesse propósito, ao buscar alcançar os colonos residentes no país:

Alguns missionários estrangeiros já haviam estado no Brasil, mas ainda não havia sido realizado nenhum esforço contínuo de fazer proselitismo entre os de fala portuguesa. Nesse sentido, foi o pioneiro a fazê-lo, já que os que o antecederam visavam objetivamente os colonos estrangeiros que moravam no Brasil. Por ocupar este espaço até então hegemônico da religiosidade, Kalley enfrentou oposição da Igreja, foi ameaçado de expulsão do país, fato que o levou a consultar juristas a fim de garantir a continuidade de sua atividade missionária. (LIMA, 2010, p.43-44).

A análise de Lima (2010) ressalta o caráter singular e transformador da missão desenvolvida por Robert Reid Kalley no Brasil. Diferentemente de outros missionários estrangeiros que o antecederam e cuja atuação se restringia aos núcleos de colonos europeus, Kalley voltou sua atenção à evangelização da população brasileira de fala portuguesa, rompendo com o padrão das iniciativas protestantes até então estabelecidas.

Essa decisão representou um marco na história do protestantismo nacional, pois inseriu a mensagem congregacional em um ambiente social dominado pela tradição católica. Tal postura pioneira colocou Kalley em confronto direto com as autoridades eclesiásticas e civis, evidenciando o desafio de implantar um novo modelo de fé em um país onde a religião oficial ainda exercia forte controle sobre a vida pública e privada.

Robert Kalley fundou, em 1858, a Igreja Evangélica Fluminense, considerada a primeira igreja protestante de missão organizada no Brasil. Sua atuação foi peculiar, pois não estava vinculada a nenhuma sociedade missionária estrangeira, sustentando-se com recursos próprios e imprimindo às igrejas fundadas uma identidade independente. Segundo Lima (2010, p. 87), “Kalley não se subordinou a modelos missionários importados, mas construiu um caminho próprio, adaptando práticas congregacionais e presbiterianas ao contexto brasileiro, o que deu origem às chamadas igrejas kalleyanas”.

Justo González (2011, p. 418) ressalta que o impacto de sua obra ultrapassou os limites eclesiásticos, pois “ao traduzir hinos, estimular a leitura da Bíblia em português e valorizar a educação

popular, Kalley contribuiu para a formação de uma consciência cristã mais ampla e enraizada na cultura local”.

Ainda que numericamente e institucionalmente pequena, a presença congregacional no Brasil teve relevância espiritual e social. A ênfase na liberdade religiosa, no sacerdócio de todos os crentes e na participação ativa da comunidade atraía simpatizantes em um tempo em que O catolicismo era identificado com o poder imperial. Como observa Léonard (1963, p. 112), “os kalleyanos abriram caminho para a inserção do protestantismo no espaço público brasileiro, tornando-se interlocutores nos debates sobre tolerância, cidadania e fé”.

Essa inserção no debate e na ação pública pode ser comprovada nas estratégias iniciais de Robert Kalley em Petrópolis, que iam além da esfera puramente religiosa. Em 1855, por exemplo, ele ofereceu seus serviços médicos à administração local, conforme nota publicada no Correio Mercantil, na qual “ofereceu à comissão sanitária do município da Estrela os seus serviços, em favor da pobreza” (CARDOSO, 2001, p. 112). Essa referência demonstra, segundo os autores, o caráter prático e social da missão kalleyana, que integrava evangelização e serviço público.

Dessa forma, a chegada do congregacionalismo ao Brasil, no século XIX, representou não apenas a fundação de igrejas, mas a introdução de novos valores que dialogavam com os movimentos sociais e políticos do Império, marcando a história do protestantismo brasileiro, que se consolidou sobretudo no estado do Rio de Janeiro.

Por conseguinte, a atuação pioneira dos “kalleyanos” transcendeu a esfera puramente religiosa, ao inserir o protestantismo no espaço público e nos debates sobre tolerância e cidadania no Império. Os princípios e práticas que consolidaram serviram como alicerce para a expansão e o enraizamento do movimento no país. Tendo o estado do Rio de Janeiro como seu epicentro político e cultural, foi natural que a trajetória do congregacionalismo ganhasse contornos singulares em solo fluminense, história que será o foco da análise a seguir.

2.2 O CONGREGACIONALISMO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O estado do Rio de Janeiro desempenhou papel fundamental na expansão do congregacionalismo no Brasil. Desde a fundação da Igreja Evangélica Fluminense por Robert Kalley, em 1858, a capital imperial tornou-se um centro irradiador para a formação de novas comunidades, que se espalharam pelo interior fluminense. Nesse processo, destaca-se a Igreja Congregacional de Subaio, em Cachoeiras de Macacu, organizada em 1920, sob a liderança do Rev. Fortunato Gomes

da Luz e com a participação do presbítero Francisco Pedro de Lemos, oriundo da Primeira Igreja Congregacional de Niterói.

Segundo registro histórico, “a primeira pregação do evangelho em Subaio foi feita pelo presbítero Francisco Pedro de Lemos (da 1ª IEC Niterói), no dia 10 de outubro de 1910, na residência do Sr. Alfredo Rocha” (IEC DE SUBAIO, Ata de 23 ago. 1920). Essa igreja se consolidou como núcleo missionário e, mais tarde, seria responsável pela expansão que resultaria no surgimento da Igreja do Sossego/Maraporã.

A Igreja Congregacional do Sossego (atual Maraporã) nasceu a partir da ação missionária da comunidade de Subaio, por volta da década de 1950, em um contexto marcado por forte religiosidade popular e pela carência de instituições religiosas protestantes na zona rural. O processo culminou na organização oficial da nova igreja em 1966, sob a liderança do Rev. Waldir de Moraes Vidal.

Conforme destacam os registros, “a Igreja Evangélica Congregacional do Sossego demonstrou um crescimento para além de sua sede. No dia 25 de fevereiro de 1968, as atas registram um passo significativo na sua expansão: o pedido de filiação do ponto de pregação de Papucaia” (IEC DO SOSSEGO, Ata de 25 fev. 1968). Esse dado mostra que, desde seus primeiros anos, a congregação do Sossego se estabeleceu como agente de expansão religiosa em Cachoeiras de Macacu.

A transferência do templo para o bairro de Maraporã, em 1979, consolidou a presença congregacional em um novo núcleo da região. As atas da época registram que “a igreja comprou um lote com uma casa e um celeiro, localizado no quilômetro 22, no terceiro distrito, por 90.000 cruzeiros” (IEC DE MARAPORÃ, Ata de compra de imóvel, 13 jun. 1980).

Esse marco geográfico definiu a identidade atual da igreja e reforçou a relevância de Cachoeiras de Macacu como polo congregacional fluminense. Nesse município, tanto Subaio quanto Maraporã tornaram-se referências de vitalidade missionária, ligando o congregacionalismo urbano, iniciado na capital, ao contexto rural, onde a fé protestante encontrou ressonância e espaço de crescimento.

Assim, a trajetória congregacional em Cachoeiras de Macacu revela um movimento gradual de interiorização do protestantismo fluminense. Mais do que evidenciar uma simples expansão territorial, esse percurso mostra a adaptação e o enraizamento da fé congregacional em comunidades rurais que reinterpretem a herança recebida da capital. O próximo tópico examinará de forma mais detalhada como a missão da Igreja de Subaio contribuiu para a fundação e consolidação da Igreja de Maraporã, tornando-se elo decisivo nesse processo histórico.

A missão de Subaio e a expansão para Maraporã

O surgimento da Igreja Evangélica Congregacional no local historicamente conhecido como Sossego (quilômetro 28 da Rodovia RJ-122), posteriormente denominado Maraporã, constitui um marco da vitalidade missionária da Igreja Evangélica Congregacional de Subaio. O trabalho em Subaio, organizado em 23 de agosto de 1920, consolidou-se como o polo irradiador do congregacionalismo no 3º Distrito de Cachoeiras de Macacu.

A expansão missionária que levou à fundação da nova igreja intensificou-se a partir da década de 1950. Nesse período, o trabalho de evangelização e discipulado realizado por membros da Igreja-Mãe, sob a liderança de seus pastores e presbíteros, criou uma comunidade de fé na região de Trimirim, também conhecida como Sossego. Essa comunidade, que se reunia regularmente, amadureceu até desenvolver a autonomia necessária para constituir-se como igreja.

A transição de ponto de pregação para igreja organizada, ocorrida em 1966, foi um processo natural, evidenciado pela linha de sucessão de pastores que atuaram em ambas as comunidades, assegurando a preservação da identidade congregacional e doutrinária. O trabalho de evangelização que deu origem à Igreja Evangélica Congregacional do Sossego floresceu durante o longo pastorado do Rev. Leônidas Júlio de Lemos, na Igreja Evangélica Congregacional de Subaio (1946–1966). Sua liderança consolidou o trabalho de base que possibilitou a expansão.

A culminância desse esforço missionário deu-se com a organização oficial da Igreja Evangélica Congregacional do Sossego, em 1966. O pastor que liderou a nova igreja nesse momento inicial foi o Rev. Waldir de Moraes Vidal. A interconexão entre as comunidades foi mantida pela sucessão pastoral subsequente: o Rev. Agapito Rômulo de Souza, figura central na história da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã — assumindo o pastorado em 1974 — também havia pastoreado a Igreja-Mãe em Subaio.

Dessa forma, a expansão missionária desenvolveu-se de modo coeso e contínuo. O trabalho de campo iniciado na década de 1950, gestado pela Igreja Evangélica Congregacional de Subaio, culminou na organização da Igreja Evangélica Congregacional do Sossego em 1966, que, ao longo do tempo, manteve um intercâmbio direto de liderança com sua comunidade de origem. Essa relação de igreja-mãe e igreja-filha atesta o êxito do projeto missionário congregacional na região, garantindo a continuidade dos princípios congregacionais e a fidelidade à Declaração de Fé da União de Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB).

A solidez desse fundamento é vital, pois a fé congregacional valoriza a decisão e a participação da membresia em sua confissão. Rodrigues (2022, p. 51-52) destaca que o Dr. Kalley submeteu o texto da Breve Exposição de Fé à Igreja Evangélica Fluminense (IEF), que levou um ano e seis meses, entre 1875 e 1876, para estudar, discutir e, por fim, aprovar a doutrina. Esse processo sublinha o valor da autonomia da igreja local e a participação da membresia nas decisões de fé.

Com a identidade religiosa e a doutrina solidamente estabelecidas, torna-se possível analisar como a fé e a memória histórica se uniram na construção da identidade comunitária em Maraporã.

2.3 RELIGIÃO, MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COMUNITÁRIA EM MARAPORÃ

O estudo da Igreja Evangélica Congregacional em Maraporã transcende a análise meramente institucional ou doutrinária, alcançando dimensões sociais, culturais e espirituais que se entrelaçam na formação da identidade local. Em contextos interioranos, a religião frequentemente atua como eixo estruturante da vida comunitária, funcionando como espaço de coesão social e de referência simbólica. Nesse sentido, compreender a trajetória da igreja implica reconhecer o papel da fé como elemento constitutivo da memória coletiva e da identidade compartilhada entre seus membros.

As instituições religiosas, conforme observa Paul Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento* (2007, p. 96–97), são lugares privilegiados de preservação e transmissão da memória, pois nelas se articulam lembranças, rituais e narrativas que conferem continuidade ao grupo. Para o autor, a memória é a matriz que permite à comunidade reconstruir o passado e ressignificá-lo à luz do presente. De modo semelhante, Maurice Halbwachs (1990, p. 38–39) entende que a memória coletiva se ancora em “quadros sociais”, isto é, estruturas simbólicas que orientam as lembranças e asseguram a coesão entre as gerações.

Em Maraporã, a prática religiosa da Igreja Evangélica Congregacional constitui precisamente esse “quadro social” de memória e identidade. Por meio de rituais repetitivos, como os cultos semanais e as celebrações anuais, os eventos fundadores são revividos e reinterpretados, consolidando a percepção de uma trajetória comum. Ao mesmo tempo, a comunicação de narrativas, por meio de pregações e testemunhos, mantém viva a memória dos pioneiros, dos períodos de autogestão pelos presbíteros (1971–1974) e das conquistas coletivas, como a transferência do templo para o bairro em 1979. Ressalta-se que tal autogestão ocorreu de maneira provisória e circunstancial, como resposta à

ausência de liderança pastoral fixa, não configurando a adoção do sistema de governo presbiteriano, mas uma estratégia de continuidade da vida espiritual e organizacional da comunidade.

Para conferir densidade empírica a esta análise, a pesquisa se baseou em oito entrevistas semiestruturadas com membros antigos e filhos de alguns dos fundadores da igreja. A coleta ocorreu entre março e abril de 2024, e os critérios de seleção dos entrevistados, baseados em seu tempo de membresia e conhecimento dos eventos-chave da igreja.

As entrevistas foram analisadas com base na metodologia da História Oral proposta por Alberti (2004) e Thompson (1992), a partir da identificação de eixos temáticos recorrentes — fundação, liderança leiga, identidade congregacional e memória comunitária. Essa categorização permitiu compreender como as narrativas pessoais se articulam à memória coletiva da igreja, servindo como fonte histórica legítima e complementar aos registros documentais.

Esses eventos fundadores, transmitidos pela memória oral dos membros mais antigos, enriquecem o histórico oficial da igreja, destacando a intersecção entre a fé congregacional e a vida local, o que forja a identidade comunitária. Relatos de pioneiros destacam que o ponto de partida da congregação no Sossego não foi um local público, mas a residência do presbítero Otacílio e de Estelina. Segundo um dos entrevistados, “o culto começou na casa da dona Estelina; foi lá que se iniciou o trabalho, quando muitas famílias se reuniam com o propósito de adorar a Deus” (Entrevista 1, mar. 2024).

Conforme relatou um dos entrevistados, filho de um dos fundadores da igreja, “a doação de um lote no terreno de Seu Otacílio para a construção do primeiro templo, juntamente com o esforço do Rev. Leônidas Júlio de Lemos — que descia a serra de Teresópolis de bicicleta para obter material —, transformou a narrativa da fundação em um testemunho de sacrifício e dedicação” (Entrevista 3, abr. 2024).

A simplicidade da primeira estrutura, um barracão com banheiros e cantina, adaptado como igreja, ilustra a autogestão que marcou a comunidade desde o seu berço. O espírito de cooperação era evidente. Um dos entrevistados, ao descrever o trabalho de construção, afirmou: “Ninguém esperava ajuda de fora. A gente trabalhava junto, fazia mutirão para consertar o telhado” (Entrevista 6, abr. 2024). Essa ênfase no trabalho coletivo é um traço forte da memória.

As lembranças do período no Sossego destacam um ambiente rural e isolado, onde o culto era o principal evento social. O desafio de frequentar os cultos, que muitas vezes exigia que os membros caminhassem longas distâncias, ressalta a forte devoção e o caráter festivo que a fé assumia na comunidade. Essa centralidade do culto como elemento de coesão é confirmada: “O culto era o único

momento em que a gente se reunia, todo mundo vinha, mesmo quem morava longe, e isso unia a comunidade” (Entrevista 1, Cachoeiras de Macacu, mar. 2024).

A memória também registra os desafios iniciais. Os depoimentos apontam para a oposição de pessoas alcoolizadas, o que representava um obstáculo frequente aos cultos. “O maior desafio eram os costumes antigos, especialmente o problema da bebida na região” (Entrevista 2, mar. 2024). Além disso, a convivência com outras denominações gerava tensões; a Assembleia de Deus, por exemplo, era percebida como “muito rígida” na época. A persistência da fé nesse contexto reforça o valor de humildade e serenidade que a igreja sempre prezou, moldando uma identidade marcada pela seriedade dos crentes, conforme um depoimento: “Era uma igreja simples, onde todos se ajudavam e tinham prazer em servir a Deus” (Entrevista 5, mar. 2024).

Com o passar dos anos, parte das famílias migrou para a região de Maraporã, o que levou à transferência gradual do trabalho congregacional. Entretanto, a aceitação inicial da igreja não foi unânime, gerando a necessidade de reafirmação de sua identidade:

A aceitação da igreja em Maraporã não foi bem recebida no bairro, pois já existia uma igreja local. Essa sobreposição denominacional gerou certa resistência, mas também impulsionou o grupo a reafirmar sua identidade missionária e seu compromisso com o serviço cristão (Entrevista 4, mar. 2024).

Em Maraporã, a memória coletiva moldou a vida da igreja de maneira singular. A lembrança de ser uma comunidade “filha” da Igreja Evangélica Congregacional de Subaio e de ter dado origem à Congregação de Papucaia alimenta uma forte identidade missionária, definindo o grupo não apenas pelo que ele é, mas também pelo que faz no território. A valorização dos pioneiros é ativamente cultivada, como demonstra a homenagem ao presbítero Otacílio de Almeida Monteiro, que deu nome à rua do templo em 1998, transformando o espaço físico em um memorial religioso. Além disso, a memória dos períodos sem pastor residente reforça a resiliência e a autogestão — valores congregacionais que sustentam um forte senso de coesão e autoconfiança no grupo. Toda essa memória histórica é ativada também por eventos simbólicos e transições geográficas significativas.

Em síntese, a memória coletiva da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã não é uma recordação passiva, mas um elemento ativo que estrutura as relações internas, confere sentido aos rituais e projeta a igreja como um ator de inegável relevância social e espiritual no bairro. O presente da comunidade é, portanto, uma manifestação viva de sua história e da memória que escolhe celebrar.

2.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: LIDERANÇA, ESTRUTURA E IDENTIDADE (1966–2025)

A análise das entrevistas realizadas com membros antigos e descendentes dos pioneiros — aqui identificados como Alfa, Beta, Gama, Delta, Épsilon e Dzeta — permite compreender com maior profundidade como as sucessivas trocas de liderança pastoral e as mudanças estruturais influenciaram a trajetória da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã ao longo de quase seis décadas. Esses depoimentos reforçam elementos já identificados na revisão documental e ampliam a compreensão da dinâmica interna da igreja, relacionando memória, fé e organização comunitária.

Os entrevistados ressaltam que a igreja sempre manteve um padrão de vida comunitária marcado por acolhimento, simplicidade e forte senso de pertencimento. Alfa, ao recordar sua chegada, afirma que “o que me manteve ali foi o carinho das pessoas; a igreja tinha um jeito muito acolhedor de receber a gente” (Alfa, 2025). Essa percepção aparece também na fala de Gama, que descreve a comunidade como “uma igreja simples, onde todos ajudavam e tinham prazer em servir a Deus” (Gama, 2025). Essas narrativas apontam para um elo comunitário que atravessa gerações e permanece como fundamento da identidade local.

As entrevistas confirmam que a trajetória da igreja foi profundamente marcada por períodos de vacância pastoral. Esses momentos, em vez de fragilizarem a comunidade, fortaleceram a liderança leiga e ampliaram a autonomia congregacional. Beta recorda que, nos anos sem pastor, “os presbíteros seguravam tudo com fidelidade; cultos, visitas, decisões... a igreja não parava” (Beta, 2025). A mesma percepção é reforçada por Épsilon, que menciona um longo intervalo conduzido inteiramente pelo presbitério, demonstrando que a continuidade das atividades independia de uma liderança pastoral fixa (Épsilon, 2025). Nesses períodos de vacância pastoral, as funções ministeriais e administrativas foram exercidas pelos presbíteros, que assumiram a condução espiritual da comunidade, a organização dos cultos e a supervisão da vida eclesiástica, assegurando a manutenção da rotina e da identidade da igreja.

Esse protagonismo da liderança leiga está diretamente associado às mudanças estruturais vivenciadas pela comunidade. Épsilon relembra que o primeiro templo, ainda no Sossego, foi construído no terreno da própria família, e que muito do trabalho era feito coletivamente: “ninguém esperava ajuda de fora; a gente trabalhava junto, fazia mutirão para consertar o telhado” (Épsilon, 2025). Essa prática de cooperação fortaleceu a comunhão e consolidou um padrão de organização que se manteve após a transferência para o bairro de Maraporã, em 1979. A mudança geográfica,

segundo Gama, “marcou muito, porque mostrava que a igreja estava crescendo e precisava de um lugar definitivo” (Gama, 2025), reforçando o caráter missionário e expansionista herdado da igreja-mãe em Subaio.

As trocas de liderança pastoral também deixaram marcas diferenciadas na comunidade. Delta ressalta que determinadas lideranças incentivaram fortemente a evangelização e a formação de obreiros, ampliando o alcance e o impacto missionário da igreja (Delta, 2025). Já Dzeta destaca as contribuições mais recentes no trabalho de ensino bíblico, observando que “o foco no estudo da Palavra ajudou muito na união e no entendimento da igreja” (Dzeta, 2025). Esses elementos indicam que a alternância pastoral atuou como fator de renovação, moldando aspectos ministeriais, organizacionais e doutrinários.

Os relatos também evidenciam desafios internos enfrentados ao longo da história, como conflitos, tensões comunitárias e mudanças culturais no entorno do bairro. Alfa menciona que, em determinados momentos, “às vezes eram as próprias brigas entre irmãos que mexiam com a igreja” (Alfa, 2025). Beta também recorda resistências iniciais à chegada da igreja ao bairro, devido à presença de outra denominação (Beta, 2025). Apesar desses desafios, os entrevistados apontam que o senso de missão e de responsabilidade espiritual sempre prevaleceu. Para Gama, “mesmo com as dificuldades, a igreja nunca parou; a gente aprendeu que pastor vai e vem, mas a igreja continua” (Gama, 2025). Sua afirmação sintetiza a resiliência institucional desenvolvida ao longo das décadas.

Os depoimentos também reforçam que a igreja formou uma identidade fortemente marcada pela reverência, disciplina e zelo doutrinário. Beta destaca a importância da decência, da ordem e da liturgia tradicional, valores preservados desde os primeiros anos (Beta, 2025). Épsilon lembra que a comunidade sempre manteve um estilo simples, sério e comprometido com as Escrituras, evidenciando continuidade entre as gerações (Épsilon, 2025). Ao mesmo tempo, a identidade missionária permanece viva na memória dos membros, especialmente na fala de Delta, que relembra cultos nos lares, evangelização em outras localidades e formação de novos obreiros (Delta, 2025).

A partir do conjunto dos depoimentos, torna-se evidente que as lideranças pastorais e as mudanças estruturais não apenas compõem a história institucional da igreja, mas atuam diretamente na formação de sua identidade e em sua capacidade de enfrentar desafios. A autonomia da assembleia local, a força da liderança leiga e o empenho comunitário — elementos confirmados em expressões como “a gente trabalhava junto”, “não esperávamos ajuda de fora” e “a igreja continua” (Épsilon, 2025; Gama, 2025) — permitem afirmar que a Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã

desenvolveu uma identidade resiliente e profundamente ligada à memória e ao protagonismo de seus membros.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente seção detalha o percurso metodológico adotado para a compreensão da trajetória da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã. A pesquisa fundamenta-se na História Oral, método que, segundo Thompson (1992), permite dar voz a atores sociais cujas vivências nem sempre estão plenamente registradas em documentos oficiais, transformando a memória individual em fonte histórica coletiva.

O corpus investigativo foi constituído por duas frentes complementares: a pesquisa documental e a pesquisa de campo. Na vertente documental, foram analisadas atas e registros eclesiais das igrejas de Subaio (1920), Sossego (1966) e Maraporã (1980). Na vertente de campo, realizaram-se oito entrevistas semiestruturadas, entre março e abril de 2024, com membros pioneiros e descendentes dos fundadores. A análise dos dados seguiu a técnica de categorização temática, identificando eixos como: autonomia congregacional, liderança leiga, expansão missionária e memória comunitária, permitindo a triangulação entre o referencial teórico kalleyano e a realidade prática da comunidade no interior fluminense.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos revelam que o congregacionalismo em Maraporã não é apenas um transplante denominacional da capital, mas um processo de "indigenização" da fé, onde a autonomia local e o protagonismo leigo foram forjadas pela necessidade e pela convicção doutrinária. A pesquisa identifica que a Igreja de Subaio atuou como um polo irradiador de vitalidade missionária, transportando os princípios de Robert Kalley do contexto urbano para o rural.

4.1 O PIONEIRISMO KALLEYANO E A AUTONOMIA LOCAL

A análise confirma que a missão de Robert Reid Kalley introduziu no Brasil um modelo de eclesiologia que valoriza a participação direta dos fiéis. No caso de Maraporã, essa herança manifestou-se na capacidade de autogestão da comunidade, especialmente nos períodos de vacância

pastoral. A resistência inicial enfrentada por Kalley, ao focar na população de fala portuguesa, ecoa na trajetória da igreja local, que também precisou reafirmar sua identidade diante de outras denominações e de costumes regionais adversos. Conforme destaca Lima (2010):

Alguns missionários estrangeiros já haviam estado no Brasil, mas ainda não havia sido realizado nenhum esforço contínuo de fazer proselitismo entre os de fala portuguesa. Nesse sentido, foi o pioneiro a fazê-lo, já que os que o antecederam visavam objetivamente os colonos estrangeiros que moravam no Brasil. Por ocupar este espaço até então hegemônico da religiosidade, Kalley enfrentou oposição da Igreja, foi ameaçado de expulsão do país [...]. (LIMA, 2010, p. 43-44).

4.2 MEMÓRIA ORAL E PROTAGONISMO COMUNITÁRIO

As entrevistas (Alfa a Dzeta) demonstram que a identidade da igreja em Maraporã está ancorada no conceito de "quadro social da memória" (HALBWACHS, 1990). O sacrifício dos pioneiros, como o Rev. Leônidas Júlio de Lemos, que descia a serra de bicicleta, e o mutirão comunitário para a construção dos templos, são narrativas que conferem sentido de pertença aos membros atuais. A resiliência institucional manifestou-se de forma clara no período de 1971 a 1974, quando a igreja manteve sua vitalidade sob a condução exclusiva de seus presbíteros.

O espírito de autossuficiência e cooperação, resumido no depoimento de Épsilon (2025) ao afirmar que "ninguém esperava ajuda de fora", revela a aplicação prática da eclesiologia congregacional. A transferência para Maraporã em 1979 simboliza a maturidade da congregação, que deixou de ser um ponto de pregação isolado para se tornar um polo missionário autônomo, capaz de gerar novas frentes de trabalho, como a congregação de Papucaia.

4.3 SÍNTESE DA IDENTIDADE DE MARAPORÃ

A discussão aponta que a troca de lideranças pastorais funcionou como um mecanismo de renovação doutrinária e organizacional, mas a "espinha dorsal" da igreja permaneceu sendo sua liderança leiga e sua liturgia tradicional. O estudo conclui que a Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã consolidou-se como um ator social relevante, integrando fé e serviço (como o exemplo médico de Kalley em Petrópolis) e transformando a memória dos seus fundadores em um memorial ativo de fé. A homenagem ao presbítero Otacílio de Almeida Monteiro, nomeando a rua do templo,

é a materialização geográfica dessa memória coletiva que sustenta o presente e projeta o futuro da comunidade.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória histórica da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã, analisada entre 1966 e 2025, demonstra que sua consolidação não pode ser compreendida apenas pela cronologia institucional ou pelas mudanças geográficas que marcaram seu percurso. O estudo revelou que a identidade e a resiliência da comunidade foram moldados, sobretudo, pela combinação entre liderança leiga ativa, memória coletiva estruturada e capacidade de adaptação diante de períodos de vacância pastoral e desafios socioculturais locais.

A investigação documental mostrou que a igreja nasceu de um movimento missionário que se desenvolveu a partir da Igreja Evangélica Congregacional de Subaio, cujos esforços evangelísticos, ainda na década de 1950, construíram as bases espirituais e organizacionais que permitiram o surgimento da igreja no Sossego, mais tarde transferida para Maraporã. Esse histórico de expansão, alicerçado na atuação de presbíteros, famílias fundadoras e líderes voluntários, preparou a comunidade para lidar com transições e mudanças ao longo das décadas. A análise das entrevistas, por sua vez, confirmou que a alternância pastoral — frequentemente percebida como fragilizadora em outros contextos — adquiriu em Maraporã um efeito inverso. Depoimentos como os de Alfa, Beta, Épsilon e Gama evidenciam que os períodos sem pastor residente fortaleceram não apenas a autogestão, mas também a consciência de responsabilidade espiritual da membresia. A liderança leiga supriu lacunas, manteve cultos, conduziu decisões e preservou a continuidade da vida comunitária. Esse protagonismo, coerente com os princípios congregacionais historicamente construídos, consolidou um modelo de igreja capaz de sustentar sua missão independentemente da estabilidade pastoral.

Os registros também apontam para o papel decisivo da memória religiosa na formação da identidade comunitária. As lembranças da fundação, dos mutirões, do primeiro templo improvisado, dos cultos domésticos e das longas caminhadas até a igreja expressam não apenas nostalgia, mas um sentimento de pertencimento transmitido entre gerações. Como destacam Ricoeur e Halbwachs, a memória coletiva funciona como elemento estruturante da identidade.

Assim, em Maraporã, o passado não é apenas recordado — ele orienta o presente e projeta um futuro comunitário marcado pela continuidade da fé.

Os desafios enfrentados ao longo das décadas — adversidades sociais, tensões intraeclesiais e a resistência inicial no bairro de Maraporã — reforçaram esse sentimento de coesão. As narrativas de Gama e Alfa revelam que, mesmo diante dos conflitos, a igreja preservou seu foco espiritual e seu

compromisso com o evangelho. Esses elementos permitiram à comunidade desenvolver uma espiritualidade que integra simplicidade, reverência e cooperação, características que definiram sua identidade congregacional.

Do ponto de vista teológico, observa-se que a Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã encarnou, em sua prática, princípios fundamentais da tradição congregacional: autonomia da igreja local, sacerdócio de todos os crentes, valorização da membresia e responsabilidade comunitária. Ao longo de sua história, a igreja demonstrou que esses princípios, quando aplicados com maturidade, são capazes de sustentar a vida e a missão cristã mesmo em contextos de instabilidade pastoral.

Contudo, uma análise rigorosa da trajetória da Igreja de Maraporã exige reconhecer que a consolidação do sacerdócio de todos os crentes, embora tenha garantido a sobrevivência da comunidade, não ocorreu sem custo. Ao olhar para a igreja atualmente, percebe-se que os longos períodos de vacância e a sucessiva alternância pastoral, apesar de terem fortalecido a resiliência institucional, geraram uma lacuna no aprofundamento teológico e doutrinário. A ênfase na manutenção prática dos cultos e das estruturas, conduzida por membros voluntários, resultou em uma base de ensino que por vezes careceu da profundidade e da atualização necessárias. Essa carência reflete-se, atualmente, em uma certa resistência da membresia a mudanças ou inovações ministeriais e a novas propostas de ensino teológico que desafiem a tradição construída na base da memória e da prática consolidada. Identificar esse desafio é crucial para entender a dinâmica atual da igreja e os caminhos necessários para o seu desenvolvimento futuro.

Reconhece-se que esta pesquisa possui limitações inerentes à sua natureza qualitativa e ao recorte específico de uma única comunidade. As conclusões não pretendem representar todas as igrejas congregacionais, mas contribuir para o registro e valorização da história de uma comunidade que, apesar de pequena, carrega grande significado para a tradição kalleyana.

Ainda assim, o estudo oferece uma importante contribuição para a historiografia do protestantismo fluminense. Ao integrar teoria, documentos e história oral, ele evidencia como a fé, a memória e a liderança leiga podem sustentar uma igreja local ao longo de décadas. A história da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã demonstra que a resiliência comunitária é construída não apenas por pastores, mas, sobretudo, pelo compromisso cotidiano de seus membros, que preservaram a identidade congregacional e mantiveram vivo o propósito missionário iniciado por Subaio.

Por fim, este trabalho abre possibilidades para pesquisas futuras, seja pela comparação com outras comunidades congregacionais do interior fluminense, seja pela ampliação do estudo da relação

entre memória, identidade e sacerdócio dos crentes em contextos religiosos rurais. Ao registrar essa trajetória, reafirma-se também o valor da memória comunitária como patrimônio espiritual que continua orientando a igreja, fortalecendo sua missão e inspirando as próximas gerações.



6 REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BASTOS, Aureliano Cândido Tavares. *Cartas do solitário*. Rio de Janeiro: Typographia do Diário, 1862.

BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia Thompson: Almeida Edição Contemporânea*. São Paulo: Vida, 2017.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Robert Reid Kalley: médico, missionário e profeta*. São Bernardo do Campo: Edição do Autor, 2001.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. São Paulo: Loyola, 1993.

GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HISTÓRIA CONGREGACIONAL. Livros sobre o Congregacionalismo. 2011. Disponível em: <https://historiacongregacional.blogspot.com/p/livros-sobre-o-congregacionalismo.html>. Acesso em: 3 out. 2025.

IEC DE MARAPORÃ. *Atas da Igreja (1966-2025)*. Cachoeiras de Macacu, RJ, 1966–2025. Arquivo da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã.

IEC DE SUBAIO. *Livro de atas: registro da organização da igreja*. Cachoeiras de Macacu, RJ, 23 ago. 1920. Arquivo da Igreja Evangélica Congregacional de Subaio.

IEC DO SOSSEGO. *Livro de atas: reunião de membros*. Cachoeiras de Macacu, RJ, 25 fev. 1968. Arquivo da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã.

IEC DE MARAPORÃ. *Livro de atas: ata de compra de imóvel*. Cachoeiras de Macacu, RJ, 13 jun. 1980. Arquivo da Igreja Evangélica Congregacional de Maraporã.

LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: ASTE, 1963.

LIMA, Sergio Prates. *Peregrinos, missionários e protestantismo: o caso de Robert Reid Kalley*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2010.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

NEILL, Stephen. *História das missões*. São Paulo: Vida Nova, 1985.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888): aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Adiel Alves. *Panorama do Congregacionalismo Brasileiro*. Olinda, PE, 2022.

SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de; LEAL, Márcio de Carvalho (Org.). *Os Congregacionais no Brasil: Perspectivas Históricas e Teológicas*. Rio de Janeiro: Editora Sarah Kalley, 2023.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília, DF: Editora UnB, 1980.

